



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina  
La sociología en tiempos de cambio

**AS *RELAÇÕES SOCIAIS* CONFIGURANDO DETERMINADO ESPAÇO AGRÁRIO NO  
SEMIÁRIDO PARAIBANO NA ESFERA DOS MODELOS DE DESENVOLVIMENTO**

Arlde Franco Alves

*alves@ifpb.edu.br*

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB)

Brasil

Edgard A. Malagodi

*emalagodi@uol.com.br*

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

Brasil



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**  
3 - 8 Diciembre / Montevideo  
Las encrucijadas abiertas de América Latina  
La sociología en tiempos de cambio

## RESUMO

No sentido de contribuir ao debate do GT- 14 *Medio ambiente, sociedad y desarrollo sustentable*, que objetiva debater, dentre outras questões, a “*mercantilización de la naturaleza, modelos de desarrollo económico extractivo y acciones de resistencia*” apresenta-se a trajetória histórica de ocupação do semiárido, que de início, pautou-se na sujeição dos que viviam nesse espaço, criando, a partir daí, relações de poder que perduram até nossos dias. As *relações sociais* na agricultura são dominantes na vida social do semiárido paraibano, muitas das quais desfavoráveis à reprodução social das famílias camponesas; outras, no entanto, de autonomia em relação aos meios de produção favorecem o processo *convivência* com o ambiente de semi-aridez, as quais podem externar um conjunto de alternativas de enfrentamento aos instrumentos de dominação. Contudo, nem mesmo os processos de “modernização” da agricultura foram capazes de destruir formas arcaicas de relações de produção, que tiveram como cúmplices o Estado, que sempre soube compatibilizar os imperativos da acumulação com as necessidades de legitimação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Relações sociais, dominação, autonomia, convivência com a semi-aridez.

## ABSTRACT

To contribute to the debate GT 14 - *Medio ambiente, sociedad y desarrollo sustentable*, which aims to discuss, among other issues, the “*mercantilización de la naturaleza, modelos de desarrollo económico extractivo y acciones de resistencia*” the historical trajectory of the occupation of the semi-arid is presented, which at the beginning was based on the subjection of those who lived in this space, creating, from this point on, relations of power that continue to this day. Social relations in agriculture are dominant in the social life of the semi-arid *paraibano*, many of which are unfavorable to the social reproduction of peasant families; others, however, autonomy in relation to means of production they favor the process of coexistence with the semi-arid environment, which can express a set of alternatives for confronting the instruments of domination. However, not even the processes of "modernization" of agriculture were able to destroy archaic forms of relations of production, which had as accomplices the State, which always knew how to reconcile the imperatives of accumulation with the needs of legitimating.

**Keywords:** Social relations, domination, independence, *coping* with the semi-aridness.



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**  
3 - 8 Diciembre / Montevideo  
Las encrucijadas abiertas de América Latina  
La sociología en tiempos de cambio

## 1- Introdução

Aqui é apresentado um recorte da tese<sup>1</sup> desenvolvida pelo primeiro autor, que teve como palco empírico um estudo dos agricultores camponeses nordestinos brasileiros da microrregião do *Curimataú Ocidental*, semiárido paraibano, desenvolvido entre os anos de 2008 e 2009. Ou seja, o exame das *relações sociais* que configuram esse território, a partir de uma ampla contextualização fisiográfica, histórica, socioeconômica e cultural, que serviu como referencial indicativo às múltiplas funções que a agricultura familiar camponesa é capaz de cumprir.

Assim, o presente artigo está organizado em duas seções. Primeiro, resgatando as concepções teóricas gerais, em torno das *relações sociais*; depois uma discussão específica dessas relações, envolvendo a estrutura agrária, as atividades produtivas e o processo de reprodução social no cenário agrário do semiárido, que vão desde relações de autonomia, pautadas na reciprocidade, ajuda mútua, etc., até as de dominação, econômico-sociais e políticas, entre aqueles que fazem da produção material, formas de subsistência (os trabalhadores) e acumulação de capital (os empresários e capitalistas), ambas relacionadas com o processo de *convivência* com o ambiente de semi-aridez. Por fim, algumas considerações apontadas pela pesquisa, voltadas a responder à importância das *relações sociais* no conjunto de estratégias de reprodução social dos camponeses.

## 2- As relações sociais

O curso de ocupação do semiárido, de início, pautou-se na sujeição dos que viviam nesse espaço, criando, a partir daí, relações de poder que perduram até hoje. Desse modo, a análise das relações sociais enquadra-se a partir dessa contextualização histórica, “*engendradas na moldura de categorias próprias ao capitalismo, como se o fim do processo autorizasse pensar cada momento [...], diluindo-se, por isso mesmo, qualquer noção de processo*” (GARCIA, Jr., 1989, p.17).

Vimos nos capítulos três e quatro da tese<sup>2</sup>, com base em dados censitários e históricos, que as relações sociais na agricultura são dominantes na vida social dessa parte do semiárido paraibano, muitas das quais desfavoráveis à reprodução social das famílias camponesas; outras, porém, de

---

<sup>1</sup> ALVES, A. F. (2009), “**As múltiplas funções da agricultura familiar camponesa: práticas sócio-culturais e ambientais de convivência com o semi-árido**”. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Campina Grande: PPGCS/UFCG, 314 p.

<sup>2</sup> Intitulados: “O *Curimataú Ocidental*: território de múltiplas configurações” (Cap. III); “A configuração ambiental do território e o processo de *convivência* com a semi-aridez” (Cap. IV).



XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017  
3 - 8 Diciembre / Montevideo  
Las encrucijadas abiertas de América Latina  
La sociología en tiempos de cambio

autonomia em relação aos meios de produção favorecem o processo *convivência* com o ambiente de semi-aridez. Porém, antes de explicitar esse conjunto de relações sociais, é preciso rever algumas concepções teóricas, norteadoras, daquilo que julgamos importante para a compreensão do processo de reprodução sócio-econômica das famílias camponesas.

## 2.1 – Concepções teóricas

Essa trajetória analítica molda-se em pressupostos de *existência* e de *consciência* dos indivíduos na sociedade, que foram discutidos, primeiramente, por Marx [1858/1959]<sup>3</sup>, ao prefacionar a “*Para a Crítica da Economia Política*”, demonstrando dialeticamente a ligação entre o *modo de produção material* e a *reprodução social*, dada por um conjunto de *relações sociais*, nas quais o *ser social* [a condição social do homem como produtor] é quem determina sua consciência a partir das contradições da vida material e do conflito existente entre estas forças de produção e as relações de produção. Dessa maneira, ao criticar a filosofia pós-hegeliana, a concepção de Karl Max era que,

*“Na produção social da própria vida, os homens contraem relações, necessárias e independentes de sua vontade, relações de produção estas que correspondem a uma etapa determinada de desenvolvimento de suas forças produtivas materiais. A totalidade dessas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se levanta uma superestrutura jurídica e política, e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. O modo de produção da vida material condiciona o processo em geral de vida social, político e espiritual. [...]”*<sup>4</sup>.

Com isso, Karl Marx chama a atenção para a dimensão econômica da sociedade. Isto é, a “superestrutura” ideológica e política da sociedade, construídas numa “infra-estrutura” – econômica – resultante das forças produtivas mais as relações de produção, “base” da sociedade capitalista. Desse modo, essa economia, condiciona a vida política e cultural da sociedade, ou seja, a compreensão da sociedade perpassa, primeiro, pela análise material (da economia), que tem no trabalho seu principal fundamento, que envolve a relação homem – natureza e homem – homem, criando relações de produção. E analisando estas relações [de produção] Marx constatou que a sociedade se divide em classes sociais, isto é, a classe dos *proprietários* dos meios de produção, dominante sobre a classe dos *não-proprietários* numa permanente condição de dominação. Nessa

<sup>3</sup> Através da *Zur Kritik der politischen Ökonomie*. Berlim, Verlag J. H. Dietz, 1947. (Prefácio, pp.23-27). **In:** MARX, K. (1982), **Para a crítica da economia política; Salário, preço e lucro; O rendimento e suas fontes: a economia vulgar**. Introd. Gorender; trad. Malagodi, *et alii*. São Paulo: Abril Cultural.

<sup>4</sup> MARX, *op. cit.*, p.25.



XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017  
3 - 8 Diciembre / Montevideo  
Las encrucijadas abiertas de América Latina  
La sociología en tiempos de cambio

ordem, também, a figura do Estado, criado pelas classes dominantes, para garantir seu domínio econômico sobre as demais classes e, a partir dessa dominação a forças das idéias – a ideologia.

Para Marx ([1846]/2004)<sup>5</sup> essa ideologia difunde a “visão de mundo” e seus valores, uma falsa representação da realidade, mas que legitima e consolida o poder das classes dominantes ou nas próprias palavras de Marx: “*As idéias da classe dominante nada mais são do que a expressão ideal das relações materiais dominantes, as relações [...] concebidas como idéias; portanto, a expressão das relações que tornam uma classe a classe dominante; portanto as idéias de sua dominação*”<sup>6</sup>.

Além disso, para Marx a consciência social exprime e constitui, ao mesmo tempo, as *relações sociais*, pautadas em relações capitalistas, nas quais os homens pensam-se a si mesmos e uns aos outros, propiciando o desencadeamento e determinação, das condições de existência social e das distintas modalidades de consciência. Deste modo, numa sociedade capitalista como a brasileira, as relações de produção configuram-se em *idéias e doutrinas*, que evadem os seus fundamentos reais, sem necessariamente constituírem finalidade ou intenção, exprimindo as formas de *relações sociais* (IANNI, 1996)<sup>7</sup>. Ou como descreveu o próprio Marx: “*Essas relações [...] que os produtores estabelecem entre si e as condições dentro das quais eles tocam suas atividades, tomando parte no conjunto da produção, variarão, mutuamente, de acordo com o caráter dos meios de produção*”<sup>8</sup>.

Para Singer (1982), as relações de produção constituem-se em formas de ordenamento, sancionadas por lei ou costumes, que regem a interação humana no processo de produção. Estas relações podem ser verticais entre aquele que produz (o escravo, o assalariado, etc.) e aquele que o domina (o dono dos meios de produção), como também podem ser horizontais, que se estabelecem entre unidades de produção independentes: relações comerciais, financeiras, etc., numa ordem de incompatibilidades. No Brasil foi assim desde a instalação das primeiras Capitânicas Hereditárias, passando pelos Ciclos Econômicos da Cana-de-açúcar, do Gado, do Algodão e do Sisal, até nossos dias. Nos três últimos ciclos, ocorridos na região estudada, teve a corroborada presença do Estado, como um dos elementos dessa superestrutura jurídico-política de formas sociais de consciência.

---

<sup>5</sup> MARX; ENGELS, 2004.

<sup>6</sup> MARX; ENGELS, *op. cit.*, p.78.

<sup>7</sup> IANNI, 1996. pp. 7-42.

<sup>8</sup> Reproduzido de MARX, K. (1963). *Trabalho Assalariado e Capital*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editorial Vitória. p.32-4. In: IANNI, O. (1996). **Marx: sociologia**. 8 ed. São Paulo: Ática, p.95-96.



XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017  
3 - 8 Diciembre / Montevideo  
Las encrucijadas abiertas de América Latina  
La sociología en tiempos de cambio

Além disso, as *relações sociais* de dominação, impostas pelo capital, colocam o homem num estado de alienação, intermediadas pelo dinheiro, que também é mercadoria, por propiciar essa relação entre mercadoria e trabalho. É, pois, quando o dinheiro perde sua relação com o trabalho, parecendo ganhar vida própria, estamos frente ao “fetichismo da mercadoria”, que aliena o ser humano da produção de sua existência social. Isso faz inverter as *relações sociais*, transformando o homem (sujeito) em objeto e o objeto (mercadoria) torna-se sujeito. Diante disso, em vez da produção estar a serviço do homem, é o homem quem se encontra dominado pela produção,

*“Uma relação social definida, estabelecida entre os homens, assume a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas. Para encontrar um símile, temos de recorrer à região nebulosa da crença. Ai, os produtos do cérebro humano parecem dotados de vida própria, figuras autônomas que mantêm relações entre si e com os seres humanos. É o que ocorre com os produtos da mão humana, no mundo das mercadorias. Chamo isso de fetichismo, que está sempre grudado aos produtos do trabalho, quando são gerados como mercadorias” (MARX, 1968, p.81)<sup>9</sup>.*

Noutro viés de compreensão das *relações sociais*, Max Weber, que tinha como objeto de estudo da ação social e a partir desta, orientada em relação a outros indivíduos em suas *relações* recíprocas voltadas à compreensão e a explicação dos fenômenos sociais. É, portanto, através dessas ações, que envolvem um motivo, resgatando a razão e a finalidade que os indivíduos conferem às suas atividades, e os indivíduos que interagem com os demais e com a sociedade, em geral. Assim, as interações serão à base de formação dos grupos e instituições sociais, quando compartilhadas caracterizam as *relações sociais*. Encerrando todos esses sentidos, Weber (1996) concebia, portanto, a relação social como “... *uma conduta plural – de vários – que, pelo sentido que encerra, se apresenta como reciprocamente referida, orientando-se por essa reciprocidade*”. Além disso, por se tratar de ação concreta, as *relações sociais* sempre se constituem empiricamente e são nomeadas por seus participantes, ocorrendo através do Estado, Igreja, matrimônio, etc., determinando a existência de condutas sociais de caráter recíproco, um acordo racional, ajustada a valores e a fins.

Estas considerações de Weber contemplam aquilo que Ferdinand Tönnies já havia examinado. Ou seja, de que as *relações sociais* constituem-se numa trama de toda a coletividade. Deste modo, para, Tönnies ([1887]/1947)<sup>10</sup>, as *relações sociais*, podem ser de dois tipos: a *vontade essencial*,

<sup>9</sup> MARX, 1968. p.79-93.

<sup>10</sup> Em sua obra principal *Gemeinschaft und Gesellschaft*, escrita em 1887.



XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017  
3 - 8 Diciembre / Montevideo  
Las encrucijadas abiertas de América Latina  
La sociología en tiempos de cambio

compreendida pela tendência básica, instintiva e orgânica, que dirige a atividade humana; e, a *vontade arbitraria*, propositada, que determina a atividade humana em relação ao futuro. Na *essencial* estaria o desejo, no plano da atividade vegetativa do organismo; Já a *arbitraria* se apresenta na forma de reflexão, julgamento da intenção ou da finalidade; na forma de conveniência, justificando a finalidade; e, na forma de conceito, significante geral ou racional dos objetos ou fins.

Numa visão contemporânea Freund (1980), referindo-se a Georg Simmel, diz que o mesmo o fez de forma sutil e estética, culminando no lançamento das bases a uma *formalidade sociológica*. Então, diz-se que Simmel percebeu que os *indivíduos* agem por diversos motivos, interesses, vontades, poder, etc. Que os *indivíduos* se explicam, além do próprio referencial, isto é, pela interação com outros indivíduos, influenciando-os ou sendo influenciados, no sentido de cooperar ou competir, no grupo social com que se relaciona.

## 2.2 – As *relações sociais* no território

A princípio, a luz dos aspectos históricos, socioeconômicos, culturais e ambientais, as *relações sociais* no âmbito das famílias camponesas do semiárido estiveram relacionadas a processos de dominação ou de busca de autonomia. Assim, no aspecto que identifica o ambiente em questão – a semi-aridez – e tudo que deste decorrem, permite-nos apontar, que as *relações sociais* sempre estiveram pautadas numa concepção de enfrentamento, ou seja, de que o ambiente podia ser “domado” pelo homem, num estado “*de interesses por motivação racional*” ajustado “*a valores e fins*” (WEBER, 1996), numa trama de “*vontades*”, sobretudo das “*arbitrárias, deliberadas, de atividades humanas, na forma de conveniência, justificando racionalmente um objeto ou fim*” (TÖNNIES, 1947).

Por outro lado, viu-se que essa peculiaridade histórica e ambiental determina “*o ritmo de vida da região*” (GARCIA Jr., 1989), descrita por Andrade (1947), ao referir-se sobre a problemática sociológica das secas, para os que habitavam no semiárido. Para esse último autor, uma relação pautada na convivência e autonomia em relação ao ambiente, que fora totalmente substituída pela autoridade e sujeição. Estas duas últimas, representadas, respectivamente, pelos colonizadores, na figura dos jesuítas catequistas, sobre as tribos, depois dos donos de terras sobre os trabalhadores (meeiros e/ou moradores). Na primeira situação ocorreu um total dismantelamento das harmônicas



XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017  
3 - 8 Diciembre / Montevideo  
Las encrucijadas abiertas de América Latina  
La sociología en tiempos de cambio

relações, que havia nas comunidades indígenas, por uma ordem de obediência a harmonia, traduzidas num conjunto práticas<sup>11</sup> de solidariedade, voltadas a conviver com as condições ambientais. Na segunda, ao contrário, gerou, em seguida, busca por autonomia, muito bem esclarecida por Garcia Jr., ao descrever as estratégias de reprodução e transformação social dos camponeses, ocorridas na região do *Brejo e Agreste Paraibano*, temporalmente paralela à “modernização” da agricultura no Nordeste.

Pautado no histórico de ocupação do semiárido e, em seu rastro, um conjunto de *atividades* e de *relações sociais*, que se podem denominar, na perspectiva teórica de Marx, de *relações de produção*. Trata-se de atividades produtivas (primeiro da pecuária, seguidas da algodoeira e sisaleira), geradoras de um intrincado conjunto de relações, sobretudo, de poder, que em sua maioria permaneceram. Nem mesmo os processos de “modernização” da agricultura foram capazes de destruir formas arcaicas de relações de produção, que tiveram como cúmplices o Estado, que sempre soube compatibilizar os imperativos da acumulação com as necessidades de legitimação.

Esse conjunto de atividades agropastoris, inicialmente dotadas de interesses puramente mercantis, tinha como pano de fundo um processo de dominação-subordinação, de um todo organizado existente (das pessoas, da Caatinga inóspita, etc.). Mesmo depois, com o surgimento dos primeiros agrupamentos sociais, dando origem as comunidades (cidades) hoje existentes no semiárido, persistiram em relações sociais de permanente *domínio* e *poder local*, muito bem expressadas por Marcel Bursztyn. Isso se deu devido à impossibilidade do governo da colônia manter o poder sobre esses senhores de terras, adotando a estratégia da coexistência pacífica, materializada na omissão do poder público em nível local, em troca de apoio local às suas ações centrais, resultando no surgimento de um mandonismo, de caráter autoritário-paternalista, típico na maioria das relações sociais existente no semiárido. Segundo Bursztyn (1984) esse paternalismo,

“... funciona como instrumento [...] de legitimação dos Coronéis. [...], porque se apresenta como mecanismo [...] na consolidação das relações de dependência que subordinam os trabalhadores, aos caciques locais, tanto ao nível econômico (via

---

<sup>11</sup> A exemplo da prática indígena do “*moquém*”, que consistia na salga e rápida desidratação da carne da caça ao sol. Esse processo garantia a conservação da carne por longo período, especialmente durante os períodos de estiagens ou de seca prolongada, quando a caça tornava-se menos abundante; Depois utilizada pelos portugueses, na conservação do pescado, que levavam como mantimento, durante as ‘entradas’ exploratórias do semiárido. Posteriormente, veio originar a tradicional “carne de sol”, produzida a partir da carne bovina (ANDRADE, *op. cit.*).



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**  
3 - 8 Diciembre / Montevideo  
Las encrucijadas abiertas de América Latina  
La sociología en tiempos de cambio

*endividamentos resultantes do sistema de 'adiantamentos' que historicamente funcionam como financiamentos à pequena produção) como social (via relações de compadrio, que unem, de forma subordinada, minifúndios a latifúndios)" (BURSZTYN, 1984, p.20).*

Nessa relação entre o Estado e o poder local, Bursztyn (*op. cit.*) destaca como tendo sido o instrumento-chave aplicado a um jogo de interesses que muitas vezes poderiam estar em antagonismo, mas que serviam como uma espécie de freio a possíveis movimentos de autonomia de alguns setores agrários, sobretudo dos pequenos agricultores. Nesse aspecto, cabe lembrar Oliveira (1977), ao explicar o processo de criação da SUDENE, como tendo sido também uma forma de arrefecer pressões políticas em busca de autonomia e evitar o choque frontal com movimentos populares, integrando, de forma subordinada, à estrutura econômico-social do Nordeste a uma nova ordem burguesa comandada pelo capital. Dessa maneira, para Bursztyn o poder do Estado no Nordeste configurou-se de forma autoritária por omissão ao autoritário ativo<sup>12</sup>, que pode ser exemplificado pela ação institucionalizada do crédito, dirigido a grandes investimentos, da pecuária, do algodão, àqueles que conseguiam se adequar as mudanças da organização social e técnica da produção, igualmente impostas pelo processo de “modernização” da agricultura. Isso acabou excluindo a grande maioria dos camponeses familiares<sup>13</sup>.

Essa chamada “modernização” da agricultura, segundo Bursztyn<sup>14</sup>, gerou profundas mudanças nas relações de trabalho, tão perversas quanto às inicialmente existentes. O exemplo da “pecuarização” nas décadas de 1970/80, que impôs além da diminuição das áreas destinadas à produção de alimentos, uma diminuição nas ofertas de empregos agrícolas, funcionando, também, como fator de expulsão do meio rural. Foi semelhante no âmbito da atividade algodoeira, que teve uma gradativa substituição do algodão do tipo “arbóreo” pelo “herbáceo”. O primeiro, mesmo sendo típico do latifúndio, permitia aos meeiros e/ou moradores produzirem, consorciadamente, culturas alimentares (feijão, milho e mandioca). O segundo, típico da “moderna” produção, passou a ocupar basicamente mão-de-obra assalariada sazonal, contribuindo para o processo de expulsão dos pequenos agricultores do campo, sem considerar o complexo jogo de *relações sociais*, que desse processo decorrem.

---

<sup>12</sup> BURSZTYN, *op. cit.*, pp. 22-29

<sup>13</sup> *Ibid.* pp.30-48.

<sup>14</sup> *Ibid.* pp.46-47.



XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017  
3 - 8 Diciembre / Montevideo  
Las encrucijadas abiertas de América Latina  
La sociología en tiempos de cambio

Um típico exemplo desse jogo de *relações sociais*, que atua de forma dominante sobre um dos meios de produção – a *força-de-trabalho* –, muito bem destacado por Andrade (1998), está relacionado à atividade pecuária. Esse autor refere-se, especificamente, ao de cultivo da Palma forrageira, que dá suporte direto a pecuária do semiárido. Essa espécie vegetal, dadas às condições climáticas locais, se revelou muito adaptada e uma excelente fonte de manutenção e até de expansão da pecuária. Na atividade de cultivo, os latifundiários mobilizam os moradores para os serviços de plantio, cuidados agrônômicos e colheita. Segundo Andrade (*op. cit.*) esses “*moradores cultivam a palma por um período de até quatro anos, enquanto ela não dá corte (...) e suas culturas [de autoconsumo] sem qualquer emprego de capital por parte do proprietário; (...); o morador retira-se, deixando a terra e a palma ao proprietário*”<sup>15</sup>. Daí em diante, o proprietário limita-se, esporadicamente, a pagar diária a esses trabalhadores (ex-moradores), mantendo-o numa forte relação de subordinação.

Nessa mesma linha de argumentação, Moreira & Targino (1997) reafirmam essa relação de subordinação, que exprime *formas e relações de trabalho*, que não se ajustam às novas necessidades de acumulação capitalista na agricultura. Disso resulta, porém, além de um processo de expropriação a expulsão desses camponeses, corroborado pela modificação das estruturas produtivas locais. Nesse aspecto, Moreira & Targino (*op. cit.*) apontam o somatório de duas forças, atuando no sentido de reduzir o emprego rural e promover mudanças nas *relações de trabalho* no semiárido. Referem-se à retração ocorrida no complexo algodão-pecuário. Na crise do algodão, desaparece a renda dos arrendatários, corroendo, em consequência, as possibilidades de sustentação dessa relação. Na crise da pecuária, com a redução dos rebanhos aliada às novas formas de produção (melhoria das forrageiras, por exemplo), também se enfraquece as relações de arrendamento, relacionadas ao uso do restolho dos roçados para a alimentação do gado durante a seca. Portanto, a conjugação desses dois fatores agiu no sentido da redução do emprego rural e as relações de arrendamento.

Outro exemplo de relação social de dominação ligado à importante atividade agropastoril da região, estabelecida entre aqueles que produziam e trabalhavam na atividade, e àqueles que

---

<sup>15</sup> ANDRADE, 1998, p.158.



XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017  
3 - 8 Diciembre / Montevideo  
Las encrucijadas abiertas de América Latina  
La sociología en tiempos de cambio

detinham o controle dos processos de produção, deu-se na sisaleira<sup>16</sup>. No trabalho de Saraiva (1981), no sistema cooperativo sisaleiro da Paraíba é demonstrada a trama de relações, no âmbito da atividade. Para a autora, “*um esquema de poder das frações da classe dominante que se dedicam à exploração do sisal, [...], que acarreta profundas mudanças na produção e reprodução das relações sociais*”<sup>17</sup>, que se resumiu no uso da filosofia cooperativista, “*para atrair um bom número de [...] produtores e, por conseguinte, apropriar-se do seu sobretrabalho*”<sup>18</sup>, tendo o Estado como ‘mediador’, com a “*função de fomentar as condições para a acumulação de capital, [...]*”<sup>19</sup>.

Sobre esse exemplo, referendando, inclusive as conclusões de Saraiva, é importante, também, destacarem-se as observações de Moreira & Targino (1997), ao descreverem sobre o processo de formação e evolução da organização do espaço agrário paraibano (da conquista do território nos anos de 1960), quando afirmam que a atividade sisaleira contribuiu para a monetarização das relações de trabalho na agricultura do Semiárido Paraibano. Essa constatação se baseia em Moreira (1990) que já havia pesquisado, anteriormente, e observado que a cultura sisaleira teve um rápido crescimento, sobretudo após os anos de 1950, em detrimento de outras lavouras de subsistência, sobretudo nas médias propriedades, incluindo aquelas de pecuária, enfatizando que

*“houve, portanto, uma conquista de terras às outras culturas por parte do sisal. Na medida em que este passou a ocupar terras dedicadas às culturas de subsistência, contribuiu de um lado, para o declínio do sistema de aforamento e parceria e de outro lado, para a expansão das formas assalariadas de trabalho. Com efeito, via de regra, exploração do agave é com mão-de-obra assalariada que é remunerada pela produção”* (MOREIRA, 1990, p.16).

Em semelhante linha de compreensão das relações de trabalho, porém na atividade produtiva do algodão, Andrade (1998) destaca como tendo sido “o surto algodoeiro no agreste”, na melhor sorte, uma atividade até mais democrática que a da cultura da cana-de-açúcar, já que os pequenos proprietários e moradores, também, podiam realizá-la e ao mesmo tempo criando uma importante

<sup>16</sup> Que durante a atividade de coleta e pré-beneficiamento da planta atuava com uma equipe de trabalhadores em cada ‘motor de colheita’ do sisal composta por 8 pessoas: 2 *cortadores* da folha do Agave; 1 *cambiteiro*, que faz os feixes de folhas e transporta, em lombo de burro, ao local do motor; 2 *puxadores*, que trabalham diretamente na máquina de desfibragem; 1 *bagaceiro*, que retira o bagaço da fibra e pesa a fibra processada; e, 1 *entendedor*, que coloca a fibra para a secagem. Esta função, muitas vezes é executada por mulheres e/ou crianças. Todos ganham por produção e os riscos de acidentes são enormes e ocorrem com frequência (SARAIVA, 1981, pp.69-70).

<sup>17</sup> SARAIVA, 1981, p.4.

<sup>18</sup> SARAIVA, I. *op. cit.*, p.152.

<sup>19</sup> *Ibid.*, p.153.



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**  
3 - 8 Diciembre / Montevideo  
Las encrucijadas abiertas de América Latina  
La sociología en tiempos de cambio

relação com os pecuaristas que utilizavam a ‘resteva’ da cultura como alimentação do gado no período de estiagem. Portanto, relações de arrendamento em moldes semelhantes ao adotado na cultura da palma forrageira, pautadas num conjunto de *objetivos e fins* (TÖNNIES, *op. cit.*).

Contudo, esse conjunto de exemplos de *relações sociais* pautadas, sobretudo na dominação, propiciou o surgimento de algumas formas de organização em busca da autonomia. Ou seja, organizações surgidas em meio a uma oposição de interesses entre as famílias de trabalhadores e/ou moradores, colocando em jogo a naturalização das relações sociais nas áreas de cultivo e criação, tendendo a uma reprodução diferenciada do espaço agrário do Agreste (GARCIA Jr., 1989). Isso se deu, primeiro, face aos limites da dominação tradicional, seguido de estratégias de reconversão produtivas e diferenças de trajetórias sociais. Na primeira situação – o declínio da dominação tradicional – ocorrida não só por causa da crise dos setores produtivos, mas devida à concorrência entre os grandes proprietários; consequência, os deslocamentos de trabalhadores e moradores para as grandes cidades industriais ou a organização desses camponeses num novo quadro jurídico, sobretudo nas áreas de maior presença da figura do morador com a existência jurídica das associações de moradores, que serviu de modelo organizativo dos sindicatos. Na segunda situação – de reconversão produtiva – o ressurgimento da importância da agricultura, tanto nas atividades criatórias como de cultivo, voltadas para o autoconsumo sob a égide do modo de economia familiar.

É importante ressaltar que a conjugação dessas duas situações teve a marca da organização sindical. Moreira & Targino (1997) destacam no âmbito dos movimentos sociais no campo e das conquistas da classe trabalhadora, as campanhas trabalhistas dos assalariados na agricultura, na década de 1980 na Paraíba. Nesse cenário as organizações sindicais, organizadas na forma de “pólos sindicais”, substituindo tradicionais comissões de trabalhadores, como aquelas que ocorriam na atividade açucareira. Na região Agreste, esses sindicatos tiveram papel decisivo nessa mudança de estratégias, principalmente, nessa correlação de forças que dominavam as relações sociais locais.

A realidade atual desse sindicalismo, no âmbito das relações de produção contextualizadas no semiárido, aponta no sentido de uma legitimação desse processo de organização social. Malagodi (2004) analisou essa trajetória de trabalho e mobilização dos agricultores familiares em torno da estrutura dos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais – STRs, concluindo que há fortes elementos que



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**  
3 - 8 Diciembre / Montevideo  
Las encrucijadas abiertas de América Latina  
La sociología en tiempos de cambio

configuram o surgimento de uma nova cultura sindical, diferente daquela pautada na década de 1970, quando esses STRs estavam centrados somente na mediação dos direitos trabalhistas (aposentadorias, indenizações trabalhistas, etc.). Para o autor em questão, o cenário pode agregar novos horizontes e parcerias, num amplo conjunto de relações de autonomia. Nesse sentido, refere-se às atividades dos STRs em torno da agroecologia, do desenvolvimento de tecnologias adaptadas ao ambiente de semi-aridez, nas parcerias com organizações educativas, etc., reforçando a autonomia política e econômica do agricultor familiar.

Por fim, semelhantes formas de relações ocorreram noutras atividades por todo o semiárido, assinalando muito bem as formas de acumulação capitalista. Foi assim com o algodão, com o sisal, e, ainda, o é com as atividades relacionadas à pecuária. Em meio a tudo isso, os camponeses familiares, em sua maioria, ainda, permanecem à margem desses processos sociais, marcados pelo sinônimo de “atrasados”, pelo fato de portarem um conjunto de *representações sociais*, a nosso ver, necessárias na compreensão deste ‘mundo rural’ da semi-aridez.

### **3- Para concluir, algumas peculiaridades na reprodução social camponesa do semiárido**

Por razões de ordem históricas, econômicas e políticas, esse tema mereceu tratamento conspícuo, possibilitando uma avaliação mais coerentemente das *dinâmicas próprias de reprodução social* aí existentes, capazes de ‘produzir’ *externalidades* positivas e bens públicos, que o território é capaz de propiciar, enquanto *múltiplas funções* da agricultura. Nesse aspecto, primeiramente, sem negar a dada situação fisiográfica da região estudada, especialmente daqueles elementos relacionados com a semi-aridez, é preciso reafirmar que não se trata de um ‘problema’, como afirmam a maioria das concepções leigas ou parciais sobre a realidade do semiárido brasileiro, ou seja, a insegurança hídrica, decorrente da sazonalidade e irregularidades pluviométricas, tidas como ‘a problemática das secas’. Depois, pela existência de outros ingredientes, fortemente ‘enraizados’ na trajetória histórica de exploração dessa região. Nessa compreensão, faz-se referência, principalmente, a questões políticas relacionadas com a dominação do ambiente pelo homem e do homem pelo homem, na mais autêntica concepção de desenvolvimento do capitalismo. Desse modo, reafirmamos as referências de Lopes de Andrade, que, estudando a “sociologia das secas”, demonstrou a total alienação dos colonizadores em relação à Caatinga e aos saberes dos nativos.



XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017  
3 - 8 Diciembre / Montevideo  
Las encrucijadas abiertas de América Latina  
La sociología en tiempos de cambio

Aprofundando um pouco mais a análise dessa particularidade relacionada à condição climática e a tudo que dela decorrem, merece destaque as reflexões de Neves (1994), que desmistifica algumas ficções e imagens sobre ‘o Nordeste’ e sobre ‘as secas’<sup>20</sup> construídas ideológica e intencionalmente como um “discurso da região”, que se mantém inalterado ao longo do tempo. Para a primeira questão – o Nordeste – visto enquanto região e todos seus significados, o autor aponta:

“O regionalismo apresentado como: uma ‘grande mentira’ montada pelas classes dominantes regionais que, assim se vêem instrumentalizadas para, num só movimento, administrar a miséria da grande maioria da população e habilitar-se a controlar os recursos públicos destinados a combater esta mesma miséria e financiar o desenvolvimento regional”<sup>21</sup>.

E, para a segunda questão – as secas – aponta como sendo um imaginário pautado numa:

“Determinada concepção de progresso, tomado por uma sucessão de etapas em que se efetiva a emancipação do homem com relação à natureza. A realização deste progresso, então, se afirma nas obras, atos e idéias que [...] materializam esta capacidade inerente à sociedade burguesa de sobrepujar a força, a grandeza [...] dos elementos naturais, ou seja: a capacidade de utilização dos ‘recursos disponíveis’, entre os quais se incluem os ‘[...] humanos e culturais’, encarados como características naturais do homem”<sup>22</sup>.

Cabe lembrar que contribuíram para esse cenário produtivo, os sucessivos ciclos ou períodos do gado, do algodão e do sisal, sendo o primeiro ainda hegemônico, sobretudo, pela distinta política de incentivos. Este de fato favoreceu e ainda favorece a poucos, evidenciando determinada racionalidade econômica e ideológica. Uma nítida separação entre ‘progresso’ e ‘pobreza’, entre ‘econômico’ e ‘político’, sem que houvesse modificação das *relações sociais* de dominação e exploração (NEVES, *op. cit.*). Ressalte-se que tal separação foi, também, corroborada pela histórica política de gestão dos recursos públicos, representada pelos inúmeros programas governamentais<sup>23</sup> em nome da “modernização” da agricultura brasileira. No entanto, contrário a tudo isso, como alternativa aos ‘espinhos’ dessa triste realidade, um conjunto de estudos e ações têm, se não resolvido, minimizado as complexas relações homem-natureza e homem-homem no ambiente semiárido. As referências são às ações e práticas de *convivência*. Todas elas, numa concepção de que o homem é parte integrante desse sistema natural, e que “*as relações sociais estabelecidas*

<sup>20</sup> NEVES, F. de C. (1994). **Imagens do Nordeste. A construção da memória regional**, p.13

<sup>21</sup> *Ibid.*, p.14.

<sup>22</sup> *Ibid.*, p.22.

<sup>23</sup> PIN Proterra (1971); Pólo Nordeste (1974); Pólo Sertanejo (1976); PROHIDRO (1979); PROVAREZAS (1981); Papp (1983); Projeto São Vicente (1986) e Projeto Padre Cícero (1988).



XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017  
3 - 8 Diciembre / Montevideo  
Las encrucijadas abiertas de América Latina  
La sociología en tiempos de cambio

*socialmente entre natureza e sociedade, permitem que a 'seca' seja entendida fundamentalmente como um fenômeno climático*" (NEVES, *op. cit.*, p.19). Por outro lado, a lógica utilizada pelos desbravadores do semiárido [Sertão] (representada pelas *Entradas* exploratórias e pelos *Jesuítas*), através das inúmeras representações e sincretismos<sup>24</sup>, propiciou também entre as famílias camponesas do semiárido a construção de um conjunto sincrônico de representações com a natureza, contribuindo, igualmente, como *relações [sociais]* de produção, de dominação, anteriormente descritas.

Por fim, foi importante a recepção teórica sobre a configuração do local pesquisado descrita no terceiro, quarto e quinto capítulos da referida tese<sup>25</sup>, referendando *conceitos e questões* como *relações sociais, reprodução social e convivência* com o ambiente de semi-aridez, demonstração clara desse conjunto de particularidades da agricultura familiar camponesa no semiárido. Primeiro, por referendar estudos anteriores sobre a trajetória agrária e social do semiárido brasileiro, que apontam como seu maior problema social o processo de dominação sócio-econômica, representado pelos sucessivos ciclos econômicos da agricultura capitalista, ocorridos dentro de uma lógica de exclusão dos camponeses. Segundo, por referendar o conjunto de práticas – *saberes e fazeres* – desenvolvidas pelos agricultores, nesse processo de *convivência* com a semi-aridez, que historicamente integram a própria história de formação do Nordeste, como importantes alternativas de autonomia e sustentabilidade da agricultura familiar camponesa.

#### 4- Referências

ALVES, Arilde F. (2009). **“As múltiplas funções da agricultura familiar camponesa: práticas sócio-culturais e ambientais de convivência com o semiárido”**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Campina Grande: PPGCS/UFCEG, 314p.

ANDRADE, Lopes. (1947). **Introdução à sociologia das secas**. Rio de Janeiro: Editora A Noite.

ANDRADE, Manuel C. (1998). **A terra e o homem no Nordeste: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste**. 6ª ed. Recife: Editora da UFPE.

---

<sup>24</sup> Referenciando-se às formas religiosas utilizadas pelos jesuítas, baseadas na dicotomia do sagrado e do profano (pecado), como forma de dominação das populações silvícolas, que ‘conviviam’ com os colonizadores no litoral e/ou “sítios” no semiárido. Também em referências às crenças, disseminadas junto aos trabalhadores (moradores), no sentido de proibir o consumo de determinados produtos/alimentos. Essas duas situações, ambas voltadas à manutenção de *relações sociais* de dominação.

<sup>25</sup> Rever nota 2.



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**  
3 - 8 Diciembre / Montevideo  
Las encrucijadas abiertas de América Latina  
La sociología en tiempos de cambio

- BURSZTYN, Marcel. (1984). **Os poder dos donos: planejamento e clientelismo no Nordeste**. Petrópolis-RJ: Editora Vozes.
- FREUND, Julien. (1980). *A Sociologia Alemã à época de Max Weber*. In: BOTTOMORE, T; NISBET, R. (orgs.). **História da análise sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, pp.205–251.
- GARCIA JR, Afrânio R. (1989). **O Sul: caminho do roçado: estratégias de reprodução camponesa e transformação social**. São Paulo: Marco Zero; Brasília: MCT/CNPq.
- IANNI, Otávio (org.); FERNANDES, Florestan (coord.). (1996). **Marx: Sociologia**. 8ª ed. São Paulo: Ática. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, 10).
- MALAGODI, Edgard. (2004). *O sindicato rural e seus parceiros: notas sobre um processo de mudanças*. In: WANDERLEY, Maria N. B. (org.). **Globalização e desenvolvimento sustentável: dinâmicas sociais rurais no Nordeste brasileiro**. Campinas, SP: Ceres/IFCH – Unicamp, pp. 161-171.
- MARX, Karl. (1982). **Para a crítica da economia política; Salário, preço e lucro; O rendimento e suas fontes: a economia vulgar**. [Introd. Jacob Gorender]; [Trad. Edgard Malagodi *et al.*]. São Paulo: Abril Cultural. (Os economistas).
- \_\_\_\_\_. (1968). “*A Mercadoria*” In: **O Capital**. [trad. Reginaldo Sant’Anna]. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, Liv.1, v.I, p.79-93.
- MARX, K; ENGELS, Friedrich. (2004). “*Feuerbach: A oposição entre as concepções materialista e idealista – vol I*”. In: **A ideologia alemã**. São Paulo: Martin Claret. (Coleção a obra prima de cada autor)
- MOREIRA, Emília; TARGINO, Ivan. (1997). **Capítulos da geografia agrária da Paraíba**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 332p.
- NEVES, Frederico C. (1994). **Imagens do Nordeste. A construção da memória regional**. Fortaleza: SECULT-CE, 127 p.
- OLIVEIRA, Francisco de. (1977). **Elegia para uma re(li)gião: SUDENE, Nordeste. Planejamento e conflito de classes**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- SARAIVA, Ivony L.M. (1981). **Cooperativa de sisal sociedade anônima**. Dissertação (Mestrado em Economia). Campina Grande: CME/CH/UFCG, 160p.
- SINGER, Paul. (org.); MALAGODI, Edgard *et. ali.* (trads.). (1982). **Marx: Economia**. São Paulo: Ática. (Coleção Grande Cientistas Sociais, 31).
- TÖNNIES, Ferdinand. (1947). **Comunidad y Sociedad**. Buenos Aires: Losada.
- WEBER, Max. (1996). **Economía y sociedad: esbozo de sociología comprensiva**. 2ª ed., 10ª reimp. México: Fondo de Cultura Económica.